

Aut. didata

(texto redigido)

X

para o seu estudo" (de Silva,), obra de bom fundamento na bibliografia artística açoriana, que não me cumpre aqui comentar ou apreciar.

É curioso que o auto-didatismo do autor é levantado nas notas preambulares dessa obra e na essência crítica da imprensa. E nem isso seria de estranhar num país que ~~tem~~ o culto do Bacharelis encarnado, onde o amador estudioso é sempre visto ~~com~~ desconfiança por quem se valha e produza salvo se, esquivado de self-made-man, ~~conseguir~~ ^{conseguir} ~~governar-se~~ bem na vida! O conteúdo é um facto que no plano da arte portuguesa da investigação, história e crítica de arte, o auto-didatismo é frequentíssimo, sobretudo na aceção de vocação secundária, ou tardia, sem apoio em estudos universitários próprios. No último tempo, o mais genial e prolífico

~~fratadista~~ ^{fratadista} e divulgador da nossa arte plástica, marçatez e menor, com prose brilhante e fluência operística, foi Regualdo do Santos, não obstante ser professor de medicina e clínico distinto; ^{mundo} ~~o~~ maior período mundiais de pintura primitiva flamenga, Luís Reis Santos, ensinou numa faculdade marçatez não tinha curso superior; Audólio Beland de Fonseca o grande e persistente estudioso dos pai meir de S. Vicente de Fora (equivalente e posto à margem por certa clit de investigadores de Lisboa), exerceu medicina em Beja; Vílijo Espanha, esforçado colaborador do "Jornalístico Artístico" e o maior conhecedor da antiguidade eborense, é funcionário municipal e puro auto-didata, que se vê de subir a pulso pela ~~avida~~ ^{avida} vida social e da cultura; Alfredo Guimarães, ~~o~~ fundador do Museu Alberto Sampaio e escritor de várias obras sobre Guimarães e a sua arte, era um modesto provinciano sem curso superior; J. F. de Silva Narcimeno, leiloeiro de Lisboa sem estudos especiais, escreveu obras básicas sobre o nosso ambiliário e tornou-se num período de arte reco-

conhecido e inquietado pela enorme experiência e empenhamento que acumulou ao longo de sua vida profissional; João dos Santos Simões era Engenheiro Sênior formado, em 1940, com um a (inter) Sa- se pelo atulejo. ^{Resolveu} então ~~se~~ ^{mais conscienciosamente} estudar os cursos de Desenho e de Conservação do Museu Nacional para ~~estudar~~ estudar, e, não lhe fora cercada a vida, teria conseguido ultimamente o curso

Planis ^{da Escola de Belas Artes e} ~~da Escola de Belas Artes e~~ ^{conservador do Palácio Nacional} ~~conservador do Palácio Nacional~~ ^{para o estudo de} ~~para o estudo de~~ ^{no sso, procóco} ~~no sso, procóco~~ ^{João Simões, em sua obra publicada} ~~João Simões, em sua obra publicada~~

O auto-didatismo, pela própria vontade do empenhamento da ~~seu~~ ^{seu} ~~prática~~ ^{prática} ~~curadoria~~ ^{curadoria}, pelo ardor desinteressado que o leva a certa atividade artística, pela persistência e prazer em obter resultados práticos naquilo que estuda ou coleciona, ^{desenvolve} ~~desenvolve~~ ^{fora} ~~fora~~ ^{de fora} ~~de fora~~, uma atividade que exerceia no ofício do ofício. Além disso trabalhava sempre, e é a força

Aug 24 - 1 - 6 1982

Excellence ~~Tray~~ ~~Hand~~ ~~to~~

Com o meu

compromisso

junto ao ensino e

grande maçada, depois

de tudo lido por dentro

fora, mas reunir - me as

suas palavras, mesmo que poucas

Vou-lhe enviar o fe ~~de~~ ~~gr~~ ~~is~~
do Sr. Secretário Regional de Educação
e Cultura, Dr. Reis Leite

com um ~~de~~

Tray Ed

SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Direcção Regional dos Assuntos Culturais
MUSEU DE ANGRA DO HEROISMO

ESCULTURAS DE MARFIM
NOS
AÇORES

COLECÇÃO
FRANCISCO ERNESTO DE OLIVEIRA MARTINS

ANGRA—1979

SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Direcção Regional dos Assuntos Culturais
MUSEU DE ANGRA DO HEROISMO

ESCULTURAS DE MARFIM
NOS
AÇORES

*Do Excmo. Senhor Am. Barão. Leves,
ao que me mandou depois de atender os
meus apelos, com um abraço em gratidão*
COLECCÃO

FRANCISCO ERNESTO DE OLIVEIRA MARTINS

Francisco
19-jul-1981

ANGRA - 1979

Ex: Salm
Enfo Bernardo Ferrás :

Reut de fide p'd rura
placa,

Bernardo Ferrás
John Salazar

Agradecido
em 21/8/81

Do Francisco Ernesto de Oliveira Martins
Casa de S. Pedro nº 200
9700 Angra do Heroísmo

Telefonou em 3/Julho/82
dizendo que a obra fora entregue
à Naia-Duro para publicar.

6 de Agosto de 1982

Exmº Senhor Engº Bernardo Ferrão

Em primeiro lugar peço a Deus o seu rápido estabelecimento e melhor saúde.

Falar de nós mesmo é sempre difícil, mas vou tentar:

Tenho 51 anos de idade, sou casado, tenho 5 filhos.

Estudei Letras em Lisboa, mas não completei curso, fui para o exército e desisti e voltei para a minha terra e casei com uma senhora também açoriana de família Siueve de Menezes ainda aparentada do senhor Rangel Silvano que é cidadão do Porto e actualmente residente em S. Miguel dos Açores.

Mal casei há 22 anos inicieei a minha "caça às antiguidades, não para negócio, mas para formar uma colecção particular. Somente em 1960 vendi à Fundação Calouste Gulbenkian uma colecção de faianças e porcelanas inglesas, por serem impossíveis de expor na minha residência, que apesar de grande (vide pagina 212, figura 290 do meu livro "Subsídios para o inventário artístico dos Açores"), actualmente esta colecção está exposta no Museu de Angra.

Há 22 anos empreguei-me na Junta Geram de Angra como administrativo, mas quando se formou o Governo Regional p senhor Secretário Regional de Educação e Cultura convidou-me para trabalhar com elê no inventário artístico dos Açores.

A minha educação artística foi feita à minha custa, comprava todos os livros e revistas, estudava muito mas principalmente os trabalhos do meu Exmº Amigo, como prova do nosso início ~~na~~ por correspondência.

A minha maior ambição era formar um Museu que tivesse principalmente objectos que enceram as nossas casas do passado, mas consegui, daí o Exmº Senhor Dr. Reis Leite ter-me convidado a fazer uns trabalhos sistematizaodes sobre os diversos conclusões do inventário dos Açores, com o meu fraco saber, mas absolutamente sincero e cheio de boa vontade.

Também num futuro queria que a minha casa e colecção fosse pertença desta terra que tanto amo que é os Açores.

Nada sei dizer mais, mas junto algumas críticas aos meus trabalhos de pessoas deveras idónesa destas ilhas, bem como a introdução feita pelo Dr. Reis Leite, ambém informo V., Exª. que a Imprensa Nacional já tem o meu original, mas não se preocupe com urgências, dizem eles que a composição do seu preeambulo pode vir no momento que estiver a finalizar a composição.

Um abraço de
e eterno e paderno
Francisco

1982
-51
1931

1982
22
1960

1960
19...

Dr. Reis Leite

PALAVRAS DESNECESSÁRIAS PARA UM LIVRO DA IMAGEM

FRANCISCO ERNESTO DE OLIVEIRA MARTINS apresenta ao publico interessado ^{no} espaço cultural açoriano mais um trabalho, este agora versando o tema da escultura. Oliveira Martins habituou já os seus leitores a um estilo inconfundível, didático e esquemático que torna acessível a sua obra a todas as pessoas e isto não é o menor mérito. Fazer livros sobre matérias tidas por eruditas, que atingam vastas camadas da população é uma obra meritória.

O esquema escolhido pelo autor para apresentar o seu tema valoriza essencialmente a imagem, apagando-se a palavra que assume a função de cicerone numa exposição que atravessa os seculos e as sensibilidades. O engenho encontrado para interessar e motivar o espectador aguçando-lhe a curiosidade para compreender e sentir a ingenuidade da escultura popular ou a erudição dos grandes artistas tornam este livro um permanente desafio.

Não posso deixar de citar as comparações audaciosas da máscara de algumas imagens com rosto da actualidade quotidiana, que familiarizam velhas esculturas abandonadas dando-lhe de novo razão de ser, ou a explicação da teatralidade das imagens de roca que assumiram ao longo dos seculos lugar de destaque na vivência da cidade; ou ainda a descrição do domínio da etnografia, dos ritos populares tocando as raias da heresia, que alguma ventade ortodoxa conseguiu estripar e são a marca profunda da resistência da identidade própria.

Mas será o livro de Francisco Ernesto propriamente um livro sobre a escultura ou antes um panorama sobre a imaginária nos Açores?

Ao lê-lo e tentar compreendê-lo parece-me que a existência de algumas peças fora da imaginária, ainda que de excepcional valor, não beneficiaram propriamente o conjunto.

Este livro para mim é um catalogo duma exposição humanizada de imagens, agrupadas por características formais mas acima de tudo explicadas pelos sentimentos que despertam e como repositório da criatividade dum povo que sempre coseguiu reinventar as formas estéticas que por razões variáveis lhe passaram ao pé da porta.

Bastião Roiz, os Mestres da Sé e o Mestre de S. Jorge são três momentos felizes e três lições de reflexão nesta época em que insistentemente afirmamos a nossa identidade.

Angra do Heroísmo, Casa de N^a S^a das Neves, aos 30 de Julho de 1982

J
José Guilherme Reis Leite



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM

Exmº Senhor
Francisco Ernesto de Oliveira Martins
Secretário Regional da Educação e Cultura
Palácio dos Capitães Gerais
9700 ANGRA DO HEROÍSMO AÇORES

SUA REFERÊNCIA

SUA COMUNICAÇÃO DE

NOSSA REFERÊNCIA

SEDE PROVISÓRIA:
ANTIGA ESCOLA AGRÍCOLA - 2000 SANTARÉM
TELEF. 2 20 87/8

ASSUNTO:

DE

381 PROC.

30. JUN. 1992

Meu Bom Amigo

Em Santarém, para onde transferi a residência, recebi os dois volumes que teve a gentileza de me oferecer: os elementos para o estudo do "Mobiliário Açoreano" e os "Subsídios" para o inventário dos Açores em matéria artística.

Sob todos os pontos de vista, a obra do Francisco Ernesto merece o título de monumental: pela cultura histórica, pela valia artística e pelo recheio de documentação que oferece aos estudiosos. Como foi possível acumular o recheio de erudição que enche os dois volumes? Somente com um grande amor à Arte, lendo e estudando muito, sacrificando as horas de sono para descobrir e valorizar os objectos que serviram de tema para a sua investigação.

O Arquipélago contraíu uma dívida com o Francisco Ernesto que lhe vai ser difícil resgatar. Não apenas porque o meu Amigo salvou um magnífico património que estava sujeito a roubos e depredações, mas também porque deu a connexer aos estudiosos da Cultura. Graças ao seu devotado labor, podemos hoje ter a noção exacta do que valem os Açores no campo imenso das Artes plásticas e decorativas.

Sinceramente o felicito pela obra realizada, envolvendo no agradecimento o Secretário Regional, Dr. José Guilherme Reis Leite, e o Director dos Assuntos Culturais, Dr. Jorge Pamplona Forjaz, que têm sido incansáveis na valorização cultural dos Açores. Peço que lhes transmita a expressão do meu apreço.

Para o Francisco Ernesto vão as minhas gratas lembranças, com um abraço do

do seu Amigo e admirador grato

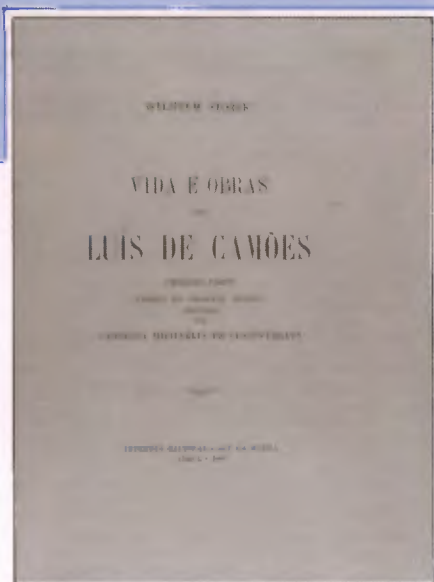
0. Presidente do Instituto

Joaquim Veríssimo Serrão

Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão

VIDA E OBRAS DE LUÍS DE CAMÕES

Wilhelm Storck



Outro importante contributo da INCM para as comemorações camonianas, que, pelo seu alto valor literário, teve o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura. Trata-se de uma obra deveras notável e à qual Carolina Michaelis de Vasconcelos emprestou a sua brilhante colaboração. Fê-lo com entusiástica paixão, em homenagem ao seu autor, a quem, no seu entender, as letras portuguesas muito devem.

Wilhelm Storck, através de extenso e exaustivo estudo, fala-nos sobre a vida e as obras do grande poeta, procurando a ilustre tradutora completar, com os seus valiosos subsídios, esse texto fundamental da Biblioteca Camoniana.

LÍRICA COMPLETA I, II e III LUÍS DE CAMÕES



Nesta obra sobre o autor de «Os Lusíadas», que a INCM lança em três volumes, tal como diz a prefaciadora, «o objectivo fundamental é o de ser útil a um sector de público tão vasto quanto possível, no qual se incluem não só os leitores já iniciados na leitura de Camões, mas também os que através de todas essas páginas, vão conhecer, pela primeira vez, o conjunto da obra lírica do Poeta.»

Houve a preocupação de organizar os poemas de acordo com o itinerário sentimental de Camões, mas o que importa é que ele seja lido e completamente conhecido e isso faz-se através da mais ampla divulgação da sua vasta produção poética, que tem merecido as atenções dos mais ilustres investigadores nacionais e estrangeiros.

Prefácio e notas de
Maria de Lurdes Saraiva

EDIÇÕES
incm

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

RELIGIÕES DA LUSITÂNIA

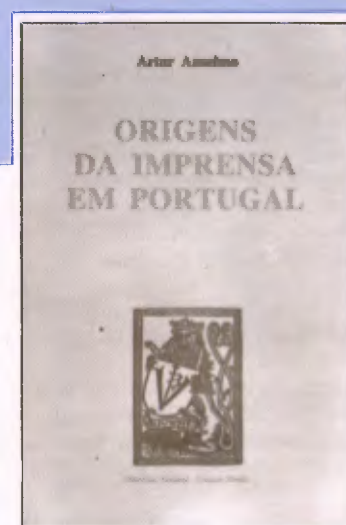
J. Leite de Vasconcelos

A obra de J. Leite de Vasconcelos adquiriu, nos estudos históricos portugueses, uma tal importância, que tecer-lhe elogios parece-nos uma ideia estulta. Porém, é a sua reedição — a obra encontrava-se totalmente esgotada — que constitui um facto a salientar, pois, com ela, se permite aos estudiosos de hoje dispor de tão valioso material sobre as crenças desse povo fascinante que foram os Lusitanos.

Diz J. Leite de Vasconcelos que nessa obra consumiu dos melhores anos da sua vida. Trabalho intenso, fatigante, mas que valeu a pena. «Religiões da Lusitania» é, pois, indispensável, imprescindível mesmo, nas bibliotecas mais caras.

ORIGENS DA IMPRENSA EM PORTUGAL

Artur Anselmo



Este notável trabalho sobre o livro português de século XV, que o autor, em princípio, pensou em apresentar com carácter bibliográfico, teve, depois, feições histórico-críticas, de alcance valioso. Tal como diz, na sua Justificação, pretende ser a primeira pedra — e é, sem dúvida — da História do Livro Impresso em Portugal.

Artur Anselmo procurou, após grande e aturado esforço, realizar uma tese que, com toda a possível clareza e precisão, contivesse, para um estudo mais alargado, não só a situação, como a problemática e as questões técnicas da tipografia portuguesa nos anos quatrocentos. Um importante marco editorial no 500º ano da introdução da Imprensa em Portugal.

CREDIÁRIO

CINCO SÉCULOS DE ARTE NOS AÇORES



SUBSÍDIOS PARA O INVENTÁRIO ARTÍSTICO DOS AÇORES

Francisco Ernesto de Oliveira Martins

Trata-se de um ousado mas meritório empreendimento esse que a Secretaria Regional da Educação e Cultura da Região Autónoma dos Açores levou a termo. São de satisfação e justificado orgulho as palavras que servem de preâmbulo à obra e, na verdade, é real estarmos perante um trabalho do maior interesse para o conhecimento dos valores culturais dessa terra portuguesa, que, como nenhuma outra, sofreu influências as mais diversas e possui das mais ricas colecções artísticas, da armaria à olaria, passando pela escultura, pintura, mobiliário, etc.

Tal como se afirma no livro, ele representa o início dos estudos de arte nos Açores que certamente irão prosseguir com a atenção e cuidado requeridos.



MOBILIÁRIO AÇORIANO Elementos para o seu estudo

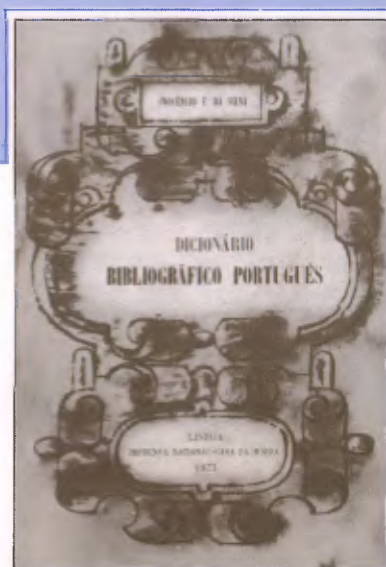
Francisco Ernesto de Oliveira Martins

Quase que se poderia dizer ser esta obra um complemento de outra, que o autor produziu e a Secretaria Regional da Educação e Cultura da Região Autónoma dos Açores também editou. Mas a sua dilatação, a pormenorização deste sector das artes açorianas são tão vastas que «Mobiliário Artístico» é outra obra fundamental, que nos mostra, por certo com mais evidência, quanta riqueza há, nesse campo, por todo o arquipélago e que é importante divulgar. Espera-se — e as iniciativas são disso indicio — que tanto esta como a outra publicação sejam, de facto, a vanguarda de uma vasta acção cultural que só prestigia quem a promove.

Por isso se recomendam essas mesmas obras, em especial, àqueles que desejem conhecer melhor a terra açoriana, a sua história, a sua cultura e as suas gentes.

DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO PORTUGUÊS

Inocêncio Francisco da Silva



Vinte e seis volumes compõem esta obra, de valor bibliográfico incalculável, que constitui já património da cultura portuguesa. Das poucas colecções ainda existentes, a INCM oferece-lhe agora a extraordinária possibilidade de adquirir, em mensalidades suaves, o «Dicionário Bibliográfico Português», obra monumental para investigadores e literatos.

Não deixe fugir esta oportunidade.

A INCM tem editado, ao longo dos anos, obras de fundo cultural que têm atingido uma gama restrita da nossa sociedade, dado o seu elevado custo para o público em geral.

Consciente da missão que lhe cabe como editora oficial, deseja esta empresa pública que as suas edições penetrem numa camada cada vez maior do público leitor português.

Foi com esta intenção que se decidiu criar na INCM o sistema de crediário, possibilitando às pessoas a aquisição de obras, através de pagamento suave, que, de outro modo, lhes seria vedado.

Deste modo, o grande público não poderá deixar fugir mais esta oportunidade que a editora oficial lhe proporciona, até porque se trata de obras de tiragens reduzidas.

Edições INCM elevam o seu património cultural a um nível superior.

Faça o seu pedido ou peça a comparência de um dos nossos divulgadores para:

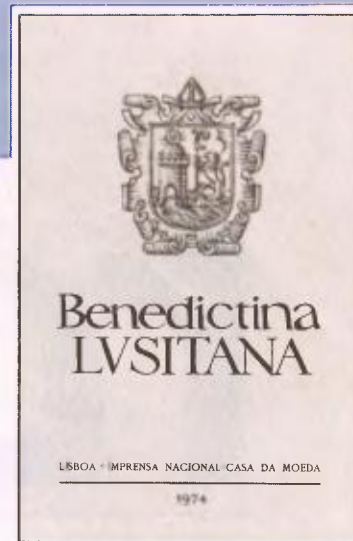
INCM — Secção de Crediário — Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5-B
Telefone 65 83 25

Estas obras também se encontram à venda em todas as Livrarias do Estado.

BENEDICTINA LUSITANA

Frei Leão de São Tomás

Obra maravilhosa da cultura portuguesa, em dois volumes fac-similados, dedicados à extraordinária actuação, ao longo dos séculos, da Ordem de S. Bento. Com mais esta edição a INCM prestigia a cultura portuguesa e oferece-lhe a possibilidade de se enriquecer culturalmente. Se é bibliófilo aproveite este ensejo que a editora do Estado agora lhe possibilita, pagando sem afectar o seu orçamento mensal.

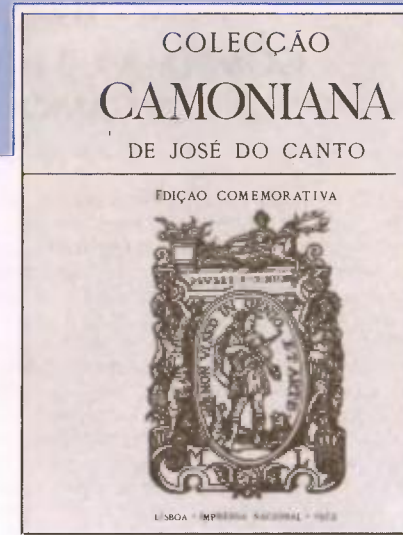


Notas e críticas de José Mattoso
Ed. 1974
2 volumes

COLEÇÃO CAMONIANA

José do Canto

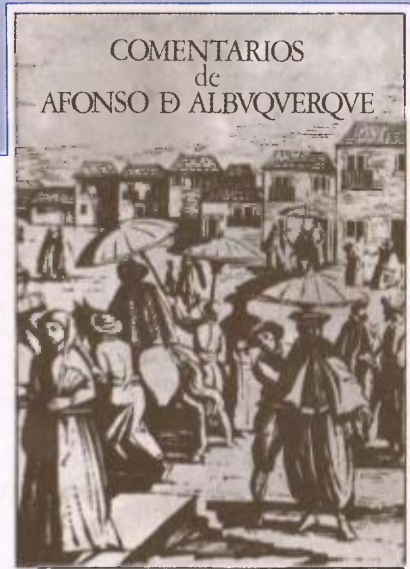
A colecção camoniana contém as mais preciosas informações da bibliografia útil aos estudiosos da vida e obra do grande Poeta: 4026 espécies inscritas, manuseadas e recolhidas pelo coleccionador notável que foi José do Canto. Não se trata de um livro monográfico sobre Camões, mas é, indiscutivelmente, um «pequeno tesouro», como diz, nas suas advertências, José do Canto, que, em horas de exaltada homenagem ao «peregrino cantor», compôs e pretendeu legar aos vindouros, na esperança de contribuir para a sua sublimação.



Notas introdutórias de Hernâni Cidade
Ed. 1972

COMENTÁRIOS DO GRANDE AFONSO D'ALBUQUERQUE

A estatura de Afonso de Albuquerque e o valor da sua actuação na Índia, num século de grande importância para Portugal, representam uma fonte histórica e, ao mesmo tempo, uma peça literária em que o autor procurou espelhar um tipo de ideal, de concepção, de povo e de nação que marcou uma época. É esta maravilhosa obra cuja aquisição a INCM hoje lhe vem propor.



Prefácio de Joaquim Vencesinho Serrão
Ed. 1973
2 volumes

BRASÕES DA SALA DE SINTRA

Anselmo Braamcamp Freire

É uma obra onde se recordam muitos factos heróicos da nossa história e simultaneamente se registam os brasões da nobreza lusa do Paço de Sintra. Trabalho de valor histórico incalculável que nenhum historiador português poderá desconhecer e onde o público em geral, amante da história do nosso país, encontrará uma fonte de enriquecimento cultural.



Introdução de Luís Bivar Guerra
Ed. 1973
3 volumes

RIMAS VÁRIAS DE LUIS DE CAMÕES

COMENTADAS POR MANUEL DE FARIA E SOUSA

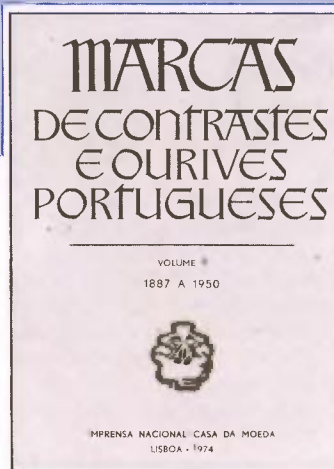


Comentadas por Manuel de Faria e Sousa
Ed. 1972
2 volumes

RIMAS VÁRIAS

Luís de Camões

«Quando uma cultura se aproxima desse cómodo cinismo, que é ver em Camões um caso arrumado, sem interesse para a literatura contemporânea, e considera alheios os seus grandes clássicos, terá deixado de ser cultura», afirmou Jorge de Sena, no prefácio desta obra. «Rimas Várias de Luís de Camões», comentadas por Manuel de Faria e Sousa, que a INCM editou, aquando do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas», pode tomar-se «como o exercício do culto camoniano», mas é, fundamentalmente, uma obra de valor inestimável, para enriquecimento das nossas bibliotecas.



Complementos e anotações pelo Engenheiro Fernando Molinho de Almeida
Ed. 1974
2 volumes

MARCAS DE CONTRASTES e Ourives Portugueses

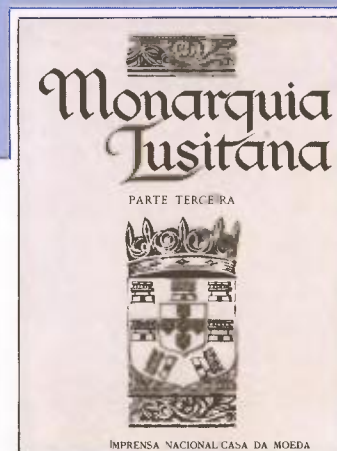
Manuel Gonçalves Vidal

Trata-se de uma publicação do maior interesse, em que, como se diz na introdução, «as marcas foram alinhadas, separadamente, em duas partes principais e num apêndice, e que compreendem: a primeira desde 1690 a 1886, com as marcas dos contrastes municipais de Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, Évora, Coimbra, Setúbal e Beja, seguindo-se as dos ourives, dispostas pela mesma ordem toponímica. A segunda parte contém, em primeiro lugar, as marcas das actuais contrastarias de Lisboa e Porto e das extintas de Braga e Gondomar, seguidas das dos fabricantes daquelas áreas, desde 1887 a 1950».

MONARQUIA LUSITANA

Frei Bernardo de Brito
Frei António Brandão
Frei Francisco Brandão

Obra de indiscutível importância na historiografia nacional, que fica a dever-se à plêiade de escritores cistercienses que ilustraram as letras seiscentistas e de entre os quais avultam o seu iniciador, Fr. Bernardo de Brito, e Fr. António Brandão, um dos seus continuadores. Composta de oito partes, abarca a vida portuguesa desde o século XI até à era de D. Sebastião, mostrando, como diz Fidelino de Figueiredo, «a persistência da nossa gente através dos tempos, sempre triunfante das transformações da terra e sempre obreira de grandes feitos». Embora concebida numa época de exaltação, é, sem sombra de dúvida, um monumento valioso da nossa literatura e um repositório condigno da nossa História.



Introduções e notas por A. da Silva Rego, A. A. Banha de Andrade, M. dos Santos Alves, A. Dias Farinha e Eduardo dos Santos
8 volumes

HISTÓRIA DE PORTUGAL nos Séculos XVII e XVIII

Luís Augusto Rebello da Silva

Luís Augusto Rebello da Silva, um dos mais brilhantes homens de letras e uma das figuras de maior integridade da vida portuguesa do século XIX, muito embora o tempo decorrido sobre a publicação da sua obra «História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII», continua a ser um autor a considerar nas pesquisas, na análise, no diagnóstico e no inventário das ideias históricas correntes na segunda metade dos anos de 1800.

Obra de estudo, ao mesmo tempo que documento histórico e bibliográfico, a sua reedição integral apresenta-se agora tal como foi impressa.



Notas introdutórias de Borges de Macedo
Ed. 1971
6 volumes

HISTÓRIA GERAL DAS GUERRAS ANGOLANAS

António de Oliveira de Cadornega

Esta obra, publicada em 1972, narra a epopeia dos exércitos portugueses contra a usurpação das terras angolanas, após o interregno de 1580-1640, que nos lançou na ignominiosa condição de domínio espanhol. Trata-se, sobretudo, de magnífico repositório dos acontecimentos, figuras e dados de um dos mais agitados períodos da nossa existência como nação. O autor, capitão do exército português ao tempo das campanhas militares de Angola por Salvador Correia de Sá, após 1640, viveu todos esses sucessos e dá deles uma imagem cheia de realismo e de intensidade dramática.



Anotados e corrigidos por José Matias Delgado
Ed. 1972
3 volumes

RECENSÕES CRÍTICAS

Francisco Ernesto de Oliveira Martins — *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1980, vol. de 300×215 mm e 451 pp.

Podem finalmente os Açores contar com uma obra de fundo que sirva de mostruário dos exemplares mais significativos do seu património artístico e cultural. Referimo-nos aos *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*.

Como excelente registo que é, da obra de Oliveira Martins agora dada à estampa transpira uma arte em renovação, em todos os seus domínios. Da captação do meio rural, passa-se à expressão de um mundo burguês, citadino, que se acentua com as proximidades do século XX. Épocas diversas aí se retratam, bem marcadas pelas características que tudo quanto é exposto reflecte: os fins da Idade Média, o apogeu imperial, o período brigantino e o sentimento republicano.

Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores, como o nome indica, pretende fazer uma primeira exibição da recolha de um património que criamos rico, pela sua diversidade e valor inestimável das peças, mas que nos escapava no seu conjunto. Eis, pois, um primeiro passo para uma História da Arte Açoriana, não como simples repositório discriminativo do espólio artístico das Ilhas, mas contando com todo um desenrolar crítico de factos e exemplos, inseridos na problemática económica e social — esta exposição de espírito, uma interessante e frutuosa maneira de escrever história!

Podemos, então, dizer que, à medida que folheamos o livro em causa, ele se nos afigura de uma imensa envergadura: transparece a grande responsabilidade na auto-educação do povo açórico. As proeminentes temáticas continentais e estrangeiras sofrem alterações, ora de fundo ora pontuais, através de um longo e continuado processo de adaptação à cultura insular que se vai afirmando.

Com um prefácio de José Guilherme Reis Leite e nota preambular de Jorge Forjaz, a obra conta com 541 páginas, 614 fotografias e com um número superior a três dezenas de gráficos, esquemas e desenhos.

Divide-se em cinco partes principais:

- I. 1450/1580: Povoamento. Do princípio do povoamento ao início da resistência na Terceira à dominação filipina.
- II. 1580/1640: Ocupação filipina.
- III. 1640/1760: Emigração para o Brasil — da Restauração à expulsão dos Jesuítas.

*da Arquipélago de
Universidade dos Açores*

RECENSÕES CRÍTICAS

- IV. 1760/1830 : Negócio da laranja — dos capitães-generais às lutas liberais.
 V. 1830/1950 : Emigração para os Estados Unidos — do libelismo à era atômica.

No seu conjunto, assim mesmo estruturada, desejamos, acima de tudo, que a publicação em causa sirva de primeiro instrumento de trabalho para quem queira debruçar-se sobre a realidade cultural açoriana e estamos certos de que, fruto do trabalho aturado de Oliveira Martins, revelador de uma capacidade de selecção e síntese, brevemente o espaço insular seja entendido numa perspectiva de plena conjuntura.

A distanciação de umas ilhas das outras, a sua diversificação, a dificuldade de redes de comunicação, a carestia dos transportes, estes óbices a que o observador turista e curioso e o estudioso se sujeitam podem ser superados por uma obra como esta, quando ela constitui uma fase preliminar para uma *Monumenta Artística Açoriana*. Há, pois, que entender o Arquipélago numa perspectiva conjuntural e, para o efeito, trabalhos como este e, porventura, mais completos e exaustivos vêm dar-nos o conhecimento de obras totalmente esquecidas quando não mesmo desconhecidas — móveis, livros, peças de ourivesaria que se descobrem em gavetas que se vão abrindo, em caixotes acantoados, em sótãos poeirentos, arrumados entre « lixo » esquecido ...

São tarefas que exigem um continuado trabalho de campo que trará à luz um espantoso conjunto de objectos de arte, de escolas várias, sacra e laica, de ouro, prata, marfim ou alabastro, de cobre e de madeiras para regalo dos amadores e êxtase dos especialistas.

Com um texto muito esquemático, acessível ao grande público, carecendo apenas, aqui e ali, melhor legendagem das gravuras e reproduções, a obra de Oliveira Martins pretende referenciar o que de mais notável se acha em cada categoria, ilha por ilha ; dá atenção às artes nobres — arquitectura, escultura e pintura — e dedica espaços idênticos ao mobiliário, faiança e porcelana, à numismática e medalhística ; particularizam-se a variedade e riqueza dos óculos das casas da Ribeira Grande, as varandas e sacadas férreas, colchas e bordados, os conhecidos registos tão diversificados pelas Ilhas. A fotografia, o recorte, a imaginária em geral são a expressão viva, falante, audível, mais valiosa do que páginas descritivas de subjectivismos que, de ordinário, caracterizam obras deste género. Esta a opinião de um amador que, ao cabo de três anos de permanência nos Açores, a poucos dias da partida, pôde satisfazer uma das suas primárias aspirações : levar consigo um ideia de conjunto do património artístico açoriano. Mas, mais do que uma ideia, levará um livro, sùmula acabada de quanto julgava perder de vista pelos tempos mais próximos ! ... P. D., 23-VII-81. — *João Silva de Sousa*.

Padr
 9
 3
 d.

É
 históri
 anos,
 edição
 Region
 Co
 devida
 compe
 a pres
 que se
 crónica
 real in
 A
 sidade
 e Cultu
 a que
 Azoria
 reedici
 de An
 Guilhe
 da Ilha
 Un
 lana :
 Reconh
 e que,
 julgame
 um aut
 Ma
 passad
 substan
 meios
 notável
 Assunto
 — A. Te

Inventário

artístico dos Açores

Pelo dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos

Editado pela Secretaria Regional de Educação e Cultura, acaba de aparecer, nas montras dos livreiros, um livro intitulado «SUBSIDIOS PARA O INVENTÁRIO ARTÍSTICO DOS AÇORES», que, pela multiplicidade de ensinamentos que contém e pela qualidade e número de espécimes que regista, é precioso repositório de arte que muito honra todos aqueles que a tão vultosa obra meteram ombros e a souberam trazer à luz do dia.

O cadastro do património artístico destas ilhas foi sempre grande aspiração dos poucos que às artes votam, desde há muito, a sua melhor atenção e o seu mais desvelado carinho.

Trouxe-o sempre em mente, e em preparo, o dr. Luis Bernardo Leite de Ataíde — mestre de nós todos — e pioneiro indiscutível da investigação e da identificação de tudo o que de mais belo exista nesta ilha.

Pretendeu iniciá-lo, há mais de 20 anos, uma Comissão Oficial de que fiz parte, e que não chegou a dar sequer os primeiros passos por falta total de recursos materiais.

Nessa altura, os assaltos às embaixadas com o incêndio de todo o seu recheio artístico na via pública, como sucedeu à embaixada de Espanha em 1976, não eram permitidos, nem as entradas forçadas nas casas particulares para a destruição à faca e à bala das telas e dos pratos da China lá existentes, como aconteceu na residência do grande toureiro e benemérito João Branco Nuncio, eram possíveis.

A vida calma e estável que então se gozava, era propícia para uma prospecção em profundidade, tanto no campo público como no privado, sem os naturais retraimentos ou suspeições que, com muita razão, depois se verificaram...

Nem transportes, nem fotografos, nem quaisquer auxílios de outra natureza foram, porém, postos à disposição dessa Comissão, que assim nada pôde fazer.

E muitas coisas belas se perderam ou saíram desta e das outras ilhas, a partir daquela data, umas por culpa do tempo e outras por culpa dos homens, sem que ao menos ficassem registadas... Foi pois com grande regozijo que soube da constituição, há quatro anos, de um grupo de trabalho, chefiado pelo senhor director regional dos Assuntos Culturais e dotado dos meios suficientes para levar a cabo tão árdua quanto grata tarefa.

Pena foi que a pressa e a forma como se conduziu a sua acção não permitissem a abertura de mais portas para a revelação de outros valores...

Mas, mesmo assim, notável e de grande mérito foi o trabalho efectuado.

A coligir e classificar esse importante trabalho surge, como autor do livro agora publicado, um nome para muitos desconhecido — Francisco Ernesto de Oliveira Martins.

Francisco Ernesto — como o chamam os seus amigos da Terceira — de há muito que se dedica às artes.

Ele conseguiu, mercê de uma atenção e de uma paixão verdadeiramente avassaladoras, reunir na sua magnífica Casa Nobre de S. Pedro a maior e mais bela colecção de imagens de marfim, de madeira, de alabastro e de bronze que existe nos Açores.

Esta colecção foi exposta em 1979 no Museu de Angra do Heroísmo, tendo então escrito no respectivo catálogo (que só agora está a ser conhecido por só agora também haver chegado às montras das livrarias) um breve mas profundo estudo sobre aquelas esculturas, estudo que, só por si, dá bem a medida do seu valor e do seu muito amor à investigação e à meditação.

Não admira pois que a Secretaria Regional da Educação e Cultura o tenha cha-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

Inventário, etc.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mado para o elenco dos seus funcionários mais ilustres e o tenha encarregado de redigir e orientar o livro que agora foi lançado a público.

O livro em questão é um volume de grande formato (30x21 cm.) muito bem impresso em excelente papel, profusamente ilustrado com mais de 500 fotografias, muitas das quais coloridas, todas muito nitidas e de sedutores efeitos visuais.

O seu autor nele não se limitou a expor e comentar o que nas ilhas encontrou de melhor em arquitectura, pintura, escultura, mobiliário, cerâmica, ourivesaria, numismática, medalhística, tecidos, metalurgia, etc..

Ele buscou nas malhas da História e na contemplação directa dos objectos as influências e as razões que aqui fizeram chegar ou desabrochar as mais variadas manifestações artísticas, conseguindo uma sistematização que a um tempo nos permite fazer o ponto da nossa situação local e encontrar as coordenadas que nos ligaram às outras partes do mundo.

Em esquemas muito simples e muito bem urdidos, ele dá-nos não só as rotas dos navios que aqui chegaram ou que daqui partiram, mas também as correntes do pensamento e do sentimento artístico que aqui se cruzaram e fixaram.

Oliveira Martins, desta forma, não se limita a ser o relator e comentador de um exaustivo trabalho de prospecção mas também o mestre que tem algo mais para dizer e ensinar.

Pode discordar-se dos limites cronológicos em que divide os 5 períodos da nossa evolução artística e até do método que segue para revelar o produto das suas locubrações e das suas conclusões.

Reinaldo dos Santos — o grande historiador e crítico de arte desta centúria — escreveu algures:

— «A ordenação das histórias de arte por épocas conduz frequentemente a incoerências ou impropriedades de classifi-

cação. Assim na arte do século XIII sobrepõe-se à continuação do românico, um gótico em plena eflorescência. Não se pode pois falar num estilo do século XIII. A unidade do estilo não está na divisão artificial do tempo, mas na evolução própria de cada forma de arte. A unidade não é o século como não é o reinado, mesmo quando este tem uma unidade histórica o que pode não corresponder a uma unidade estética.»

Pode também considerar-se cousado, ou até mesmo efrado, afirmar que, em Ponta Delgada, a igreja Matriz pertence ao gótico flamejante, a igreja de S. Pedro ao neo-clássico e o palácio de Santana ao movimento pictural pré-rafaelista.

O que se não pode é deixar de reconhecer o esforço enorme de investigação e de interpretação que foi preciso fazer para poder vaziar em esquemas, de tão fácil leitura, todos os dados e todas as ideias que no livro se encontram a formar uma sólida base de realidades e um bem elaborado corpo de doutrina.

Oliveira Martins, juntando aos primores gráficos do seu livro tão altos elementos intelectuais, conseguiu oferecer aos seus contemporâneos e a quem melhor queira conhecer os Açores, não só um encantador panorama para os olhos mas também um inebriante exercício para o cérebro.

Todos os louvores que lhe sejam tributados ficarão pois sempre aquém daqueles que ele merece.

O livro que Oliveira Martins agora nos ofereceu não é ainda o Inventário Artístico dos Açores, como os 8 volumes, já publicados pela Academia Nacional de Belas Artes, sobre Portalegre, Coimbra, Santarém, Leiria, Aveiro e Évora não são ainda o Inventário Artístico de Portugal.

Um inventário completo necessita de muito tempo e de muito dinheiro.

Vinte e seis anos foram precisos para que os seis distritos acima referidos (e que são menos do que a terça parte

cos existentes no continente) apresentassem monografias do seu património artístico, não aparecendo mais nenhum no decorrer dos últimos doze anos.

Não admira pois que o inventário das nove ilhas dos Açores não esteja ainda concluído e que mais alguns anos sejam precisos para que as cidades de Angra do Heroísmo, de Ponta Delgada, da Ribeira Grande e de outras terras da região possam ser mais completamente prospectadas e «tombadas» nos arquivos e nos livros da sua inventariação.

De resto «um inventário nunca está completo ou definitivo. É preciso contar com as alterações e restauros dos monumentos, com as alienações, com aquisições de novas obras de arte que impõem alterações nos caustros futuros. Há que contar, entim, com as omissões ou novas descobertas, a que trabalhos desta natureza sempre expõem. A seu tempo, suplementos que corrigam, acrescentem e actualizem os volumes publicados, poderão preencher as lacunas que um primeiro esboço, o mais difícil de traçar, totalmente comporta»... escreve

no preâmbulo da monografia do inventário de Portalegre o ilustre presidente da Academia Nacional de Belas Artes. Celebremos pois o primeiro livro do nosso inventário — «o mais difícil de traçar» — como muito bem diz o professor Reinaldo, e aquele que constitui a pedra fundamental de um mais vasto edifício a erguer nos anos próximos.

A Oliveira Martins e a todos os que trabalham na Secretaria Regional da Educação e Cultura eu endereço, pois, as minhas maiores felicitações e os meus mais sinceros agradecimentos pelo muito que já fizeram e pelo mais que são capazes de fazer em favor da conservação e defesa do património artístico dos Açores.

Ponta Delgada,

12 de Junho de 1981

JORGE GAMBOA DE VASCONCELOS



UE...

Curso Superior de Le-
o Observatório Astro-
de Lisboa foram fun-
durante o reinado de

D. Maria II
D. Pedro V
D. Carlos

A parte mais alta e ex-
da cúpula de um edifi-
ama-se

zimbório
zimbó
zimbreiro

«O Cimo do Monte» é
obra do autor de «Ho-
Rico, Homem Pobre»

Bernard Shaw
Irving Wallace
Irwin Shaw

Tio Sam é o tipo repre-
vo do governo ou dos
os

da Inglaterra
dos Estados Unidos
do Canadá

A pausa no fim do pri-
hemistiquio do verso
drino tem o nome de

cesura
cetra
cerusa

A barragem de Cabora
construiu-se no vale do

Zambeze
Limpepo
Licungo

NOVO LIVRO DE FRANCISCO ERNESTO RESULTANTE DE UMA REALIZAÇÃO DE FUNDO

Por: JOÃO AFONSO

Francisco Ernesto de Oliveira Martins tem agora para publicar três obras que, como este «*Mobiliário Açoriano*» e como «*Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*» há meses vindo a lume são, com certeza, directo resultado de uma realização de fundo e não deixarão, pela medida e garantia do que já está publicado, de assumir à vista e à inteligência das coisas positivamente belas, ordenadamente poéticas, uma acção de recorte deveras impressivo.

Essas futuras três obras que ora ficam à beira do labor editorial da Secretaria Regional da Educação e Cultura trazem títulos suficientemente elucidativos para justificarem a impressão de que nada se passa por acaso, muito menos nas áreas tão árduas dos verdadeiros obreiros como as de Francisco Ernesto. Respeitam a: *A Escultura nos Açores, Porcelana e Faiança nas Coleções Açorianas* e *A Ourivesaria nos Açores*.

A observação dos dois primeiros livros deste autor — pormenorizada já quanto aos «Subsídios» e ainda superficial quanto a «*Mobiliário Açoriano*» — põe-nos, desde logo, uma questão prévia. E é ela, similantemente ao que nos aconteceu com os Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade, do dr. Luís Ribeiro, da colecção «Insula»: a de saber em que sentido apontam os esforços demonstrativos do autor desta série sensacional de livros.

Luís Ribeiro, com a sua honestidade mental feita de dúvidas e cercada das imposições de método científico, objectou bastante no sentido de que os seus artigos relacionados com a açorianidade («*Correio dos Açores*», 1936 salvo erro) não saíssem em livro. Disso pudemos dar informação quando, com o máximo possível de notas, viemos a organizar o livro dele há vinte anos, livro cuja reedição, aliás sem alterações (ao que cremos) vai ser um facto pelo Instituto Açoriano de Cultura. E lutou Luís Ribeiro porquê? Exactamente porque desejava determinar, com rigor, a raiz lusiada da ascendência açoriana ressaltando, entretanto, a ideia da pequena civilização de encruzilhada dos Açores.

Será, agora, que Francisco Ernesto, em áreas diversas de expressão cultural, pretende (ou não pretende) apontar para uma realidade açoriana transatlântica?; para um *modus auténomo insular* que force a crença, tão ao gosto actual, de uma identidade própria, diferenciadamente notória, do povo — digamos da comunidade açoriana?; para uma conexão íntima luso-açoriana (falamos assim...) nos

domínios da realização artística?

Certamente, a atenção a questões como estas levaria longe em prospecção e estudos conclusivos que, só o tempo facultará. O tempo mais audácia de autores inspirados como Francisco Ernesto farão o milagre disso mesmo por uma conjugação de factores propícios e motivações propiciantes.

O que menos nos cativa neste género de realizações é a impressão de que obras destas não sejam um efeito de muito de

formas e na vivência dos utensílios entre nós».

Julgamos de tamanha evidência de significação o passo apreciativo acima transcrito que o registo dessas palavras se impõe. Apenas — para abrímos a outra fase do nosso escrito — apontaremos o género de tratamento dado ao autor: o Francisco Ernesto. É delicioso poder-se, com efeito, dispensar adjetivações. Nada de *excelências* porque não são precisas. Nada de evocação de graus porque não têm lugar (nem razão) de ser.

«*Mobiliário Açoriano. Elementos para o seu estudo*», ou seja o recente segundo livro de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, é o directo resultado de uma realização de fundo de recorte deveras impressivo. Isto escreve para os leitores de *Quarto Crescente* o nosso colaborador João Afonso a quem solicitámos o presente artigo.

O articulista, ele também empenhado numa acção cultural de fundo, de que foi incumbido em 1978 por Reis Leite — a *Bibliografia Geral dos Açores* que vai sair em oito volumes — resume (de acordo com os limites a que se impôs) as suas impressões. E fornece, em homenagem a F. E., notas pessoais, reveladoras estas de um tempo em que o coleccionador de Arte não era, ainda, ninguém.

pessoal que há nelas. Por outras palavras: Se não houvera a disponibilidade (com o saber de experiência feito) de um F. E., teriam aparecido os «Subsídios», este «*Mobiliário*»? Talvez sim, porque a SREC e sua Dir. Regional criaram os meios e apontaram num sentido. Talvez não, porque se ao «deserto» (com raros oásis) de publicações de história de Arte nos Açores não correspondesse a formação do gosto de F. E. ter-se-ia ficado a marcar passo. Isto sem ofensa à importância das gerações. Este verdadeiro autor foi — como diz o povo — *formando gosto*, concentrando todas as suas energias, apurando as suas possibilidades, achegando-se de quem pudesse, positivamente, concretizar o seu plano. E, por conhecimento pessoal muito próximo, aqui deixamos, em resumo, o depoimento de que Francisco Ernesto é, tem sido, o sonhador mais acordado que jamais conhecemos...

Em «*Algumas Palavras*» — palavras cativantes pelo seu *sense of balance* — com que Reis Leite abre o presente livro, pode ler-se: «*O belo surpreende-se e o Francisco Ernesto surpreende-o tantas vezes na autenticidade. Não é mais bela a cadeira senhorial do século XVII, no melhor jacarandá do Brasil, do que o tamborete de cedro, criado e usado pelo homem do monte da Ilha Terceira, no mesmo período. É esta disponibilidade espiritual para compreender as coisas e as pessoas que faz este livro um marco importante na compreensão das*

E que a obra fala por si.

Por seu turno, nas funções de director regional dos Assuntos Culturais, Jorge Pamplona Forjaz aponta, ao encerrar uma nota *preambular* adequada ao pelouro em que se encontra investido: «*O homem fez o móvel para dele se servir e para receber uma mensagem de conforto e de beleza — o conforto e a beleza, consoante o entendimento de cada época e de cada estrato social, económico e cultural*».

É interessante que isso se anotasse porque por aí nos impelimos a significar que da *amotragem* do livro, das quantificações já possíveis (todavia não forçosamente estatísticas) se há-de passar a uma visão mais ampla quando o inventário artístico formal dos Açores for o facto que, tal como acontece com Jorge Forjaz, a cultura nacional portuguesa ambiciona e requer. Os museus da Região vão ter, em dado momento, uma palavra oficial, a dizer para além das respeitáveis colecções particulares.

★

Mas o Francisco Ernesto... Ora o Francisco Ernesto de Oliveira Martins... Seguindo pelas linhas da tradição popular que ele próprio (?) recolheu e das quais faz uma legenda no seu livro, o autor dá a conhecer que: «*O bisavô do autor destas notas, Francisco Borges do Rego Aguiar, mais conhecido pelo Ramalho da Fonte do Bastardo, foi de sua família o mais rico,*

porque deixou quando morreu nove vacas e duas caixas».

Ora, ora... a partir da tradição dessas duas caixas, como pecúlio transmissível de geração para geração e desses bens perecíveis de nove vacas (uma riqueza, sem dúvida), emerge, num momento, o jovem Francisco (Francisco como o bisavô e como o pai, possivelmente tão tenaz como este e tão dado como os avoengos ao apego do que é de sua propriedade). Desse momento em que ele emerge poder-se-ia (e podemos) revelar o traço juvenil, certamente ingénuo, mas esplendente em todo o caso. E de contar... Assim aqui ficará um depoimento pessoal, provavelmente irrelevante.

Desde há muitos anos seguidos com enlevado interesse (e apreensão até certa altura) as tarefas de coleccionador de Arte a que Francisco Ernesto se dedica. Estabeleceu-se esse interesse e em vista da sua aproximação um correlacionamento de amizade e de crescente admiração.

Muito novo ainda, deixou-se Francisco Ernesto imbuir na formação do gosto pelos valores artísticos. Passados mais de vinte anos de afadigada busca, largo estudo, atinada análise, desenvolvida observação nada preconceituosa, é chegada com efeito a ocasião de pôr em comum o que era a dedicação juvenil de F. E. pelos objectos artísticos de valor maior, menor ou mesmo ínfimo. Basta recordar como ele se deixou prender por uma oleogravura de Casanova. Foi o seu princípio essa «*pintura*», aliás bastante divulgada, *única* porém para ele. Decepcionou-se quando o pai lhe fez sentir «*que não*», que não era mais que uma reprodução. Haveríamos nós próprios de o «ferir» ao confirmarmos *brutalmente* que o pai Francisco tinha razão e, ao adiantarmos que Enrique Casanova, o mestre pintor de El-Rei D. Carlos, era o autor dessa e de outras oleogravuras do mesmo estilo e gosto, aliás tão facilmente reconhecíveis.

E foi daí que ele, o Francisco Ernesto, partiu para as louças e móveis, imagens, incluindo a teoria de centenas de *marfins* e as espécies «*flamengas*» (por cuja existência Luís Ribeiro se afiançara sem se saber de nenhuma de relevo como as que F. E. *desencantara*), os objectos de ouro e as peças de prata, as gravuras, as pinturas (designadamente *tábuas*), as moedas, as medalhas, os selos, as encadernações de livros antigos, as respecções açorianas, os tecidos, as ferragens, as madeiras, os «*scrimshaws*» e tudo o que pudesse enlevar a artesanato. E

(Continua na 2.ª página)

Novo Livro de Francisco Ernesto

(Continuação de 2.ª página)

foi por aí que ele, o Francisco Ernesto, experimentou a sua vontade imensa de obter, de comprar, de trocar, de transaccionar, seleccionando e reservando. Absorvendo tudo pôde até tornar-se «arqueólogo» ao pôr a descoberto o talvez único salão... medieval dos Açores: na casa do Capitão, dos quatrocentistas Corte-Reais de Angra!

Um dia, o Francisco Ernesto foi objecto de uma referência de Nemésio, o que não sucedia a todos, quer pertencessem às elites, quer à burguesia, quer ao povo. Na verdade, a propósito de louças inglesas, ou melhor de inglesas operando nos Açores em trato de comércio, Nemésio pôs o seguinte: no «Observador» (Vide a compilação «Jornal do Observador», Lisboa, 1974): «De louças inglesas antigas fez um amador da ilha uma colecção enorme...».

Aquí se abre o caminho a outra nota pessoal: essa enorme colecção — exposta em museu há pouco — foi objecto do primeiro livro de F. E. Não que ele o tivesse redigido, mas porque, em 1963, ao propor-se ceder ao Museu Regional uma grande colecção de louças, houve que organizar para a Fundação Calouste Gulbenkian, um inventário tão completo que na

própria Fundação se chegou a falar na respectiva publicação, hipótese que não chegou a concretizar-se.

Essa colecção era apenas uma das que F. E. estava a acumular. Hoje, a casa de F. E. é um museu, não apenas complemento do que se costuma visitar nos Açores porque é algo que se tornou de estudo imprescindível, como aliás se pode notar nos dois recentes livros e ainda no catálogo «Esculturas de Marfim».

Qual outro Pedro Nolasco — cujo catálogo de leilão compreendia mais de cinco mil peças — Francisco Ernesto de Oliveira Martins é uma destas individualidades de ânimo tão activo e de trato tão persuasivo, que o seu modo, tocado de modestia e humildade, causa um sentimento de admiração pelo muito que consegue em pleno êxito. De onde não raras vezes nos ter causado apreensão semelhante labor de coleccionador. Entre a litografia de Enrique Casanova e o que ora fica presente nos seus estimáveis e já estimados livros metem-se as distâncias que vão de um jovem e o de um rapaz capaz de ditar obras como esta do «Mobiliário Açoriano». Que de boa acção preenche Francisco Ernesto nestes seus livros!

Lisboa, Dez. 1981

DIÁRIO DOS AÇORES

O QUOTIDIANO MAIS ANTIGO DO ARQUIPÉLAGO

Fundado em 1870 por M. A. Tavares de Resende

DIRECTORES: Maria Isabel Carreiro M. Costa
J. Silva Júnior

SEMENTE Valores que não morrem

Sacramento é um acto pessoal de Jesus Cristo que, através da Igreja — enquanto comunidade de crentes — faz participar o homem no seu Mistério Pascal. Ele concretiza-se numa celebração da própria Igreja onde Deus é invocado como Pai, a partir e pela intercessão de Jesus Cristo, enviando ao homem o Dom do Seu Espírito, segundo o sacramento que se celebra. Neste espírito aparece entroncado o sacramento do matrimónio como sacramento da Nova Aliança para os crentes, já baptizados e, quanto possível, confirmados e participantes na Eucaristia.

A graça do sacramento do matrimónio não será uma graça pessoal: o crente já é participante da Vida e Mistério Pascal de Jesus Cristo pelo baptismo, mas uma graça que incide sobre o amor que se cria e se fixa pelo contrato entre o homem enquanto pessoa masculina que é atraído e atrai e a mulher, enquanto pessoa feminina que é atraída e atrai. É esta relação entre ambos, implicando e englobando tudo o que ela comporta no aspecto físico, afectivo, psicológico, sociológico, cultural..., que faz matrimónio, que também é sacramento.

Neste sim mútuo está simbolizado o Sim de Deus à humanidade na Encarnação do Verbo, como está o Sim de Jesus Cristo à Sua Igreja. Por isso, o Amor e o Compromisso de Jesus Cristo com a Sua Igreja permanece no

(Conclui na 8.ª página)

Mobiliário açoriano

Um novo livro que todos os amadores de arte devem possuir

Pelo dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos

No começo deste ano um novo e precioso livro intitulado — «**Mobiliário açoriano, elementos para o seu estudo**» — editado pela Secretaria Regional de Educação e Cultura, apareceu nas montras das livrarias de Ponta Delgada, em sequência de outro surgido no ano transacto e antecedendo ainda outros já anunciados para breve, todos visando o conhecimento e registo do Património Artístico Regional.

O livro de agora, tal como o anterior, intitulado — «**Subsídios para o inventário artístico dos Açores**» e também o opúsculo sobre «**Esculturas de marfim nos Açores**», que o precedeu, são da autoria de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, um nome que a maior parte dos micaelenses até há pouco desconhecia, mas que, depois destas publicações, todos passaram a considerar e a admirar.

Oliveira Martins é natural de

Terceira — uma ilha que faz parte da constelação dispersa do nosso arquipélago, dentro do qual sempre brilhou como estrela de primeira grandeza.

Não admira pois que seja de lá que irradie agora boa parte da luz espiritual que nos ajuda a dissipar as sombras quotidianas, cada vez mais adensadas pelas materialidades e contrariedades da vida.

Foi aureolado por este claro benfazejo que Oliveira Martins apareceu em S. Miguel.

Senhor de uma sensibilidade requintada e de um poder de observação e de dedução verdadeiramente excepcionais, todo o seu espírito se voltou, desde muito novo, para o cul-

to das artes plásticas, tornando-se a breve trecho um dos maiores e mais esclarecidos colecionadores dos Açores.

Vivendo no antigo solar que pertenceu à ilustre família dos viscondes e condes de Sieuve de Menezes, a quem se ligou pelo casamento, e onde sempre existiu variado e valioso conjunto de coisas belas, ele jamais deixou de engrandecer essa importante casa-nobre com outras espécies do melhor quilate entre as quais sobressaem muitos móveis antigos, centenas de imagens de marfim e outras de madeira, de alabastro e de bronze, dos mais variados esti-

(Continua na 2.ª página)

Mobiliário açoriano

(Continuação da 1.ª página)

los e das mais diversas proveniências e épocas, convertendo assim a sua residência num autêntico Museu de Imaginária e da Artes Decorativas.

Este ambiente de beleza e de riqueza não o amoleceu, porém, nem o envaideceu.

Ele jamais deixou de ser um activo estudioso e um homem modesto, de trato afável e quase humilde, como são, aliás, todos aqueles a quem o saber ou o dinheiro não perturbam nem pervertem.

Estas qualidades bastariam para tornar notada e estimada qualquer pessoa.

Mas, no caso especial de Oliveira Martins outros dons se lhes juntaram para maior realce da sua personalidade.

O querer e saber transmitir os seus vastos conhecimentos e os seus amadurecidos pensamentos sobre arte, sem menosprezar ou omitir os elementos mais simples que estão na base da sua génese, colocando-os adentro de parâmetros e de esquemas que melhor ordenam a sua evolução, fazem dele um historiador invulgar.

E digo invulgar, porque, no nosso país, não é esse o caminho geralmente seguido pelos grandes mestres.

Joaquim de Vasconcelos, Sousa Viterbo, Matos Sequeira, António Augusto Gonçalves, Alfredo Guimarães, A. Silva Nascimento, Augusto Cardoso Pinto, Nogueira de Brito, Luís Chaves, Irene Quilhó, Artur de Sandão e Bernardo Ferrão, para só citar os maiores historiadores do mobiliário nacional, dão, nos seus conceituados livros e artigos lições magistrais sobre a matéria, mas nenhum «desce» a minúcias e rigores onde não faltam os instrumentos e as datas em que as suas mutações se realizaram, adentro do tempo e do espaço.

Oliveira Martins sentiu porém que, se procedesse assim, não esclareceria, completamente a gente da sua terra, nem satisfaria, cabalmente, a ânsia de didatismo que está na base da sua formação e da sua explanação.

Seguiu pois outro critério.

Um critério que muito o aproxima dos autores estrangeiros que mais exaustivamente têm escrito sobre o mobiliário mundial e que não dispensam o estabelecimento de balizas cronológicas que, de antemão, sabem não possuir limites exactos, mas que entendem ser indispensáveis para melhor compreensão e destrição dos seus aspectos dominantes.

No livro de Oliveira Martins todos estes factores são sistematizados e realçados, permitindo-lhe tirar ilações que justificam em larga medida, a sua posição doutrinária acerca da arte açoriana.

Neste livro, de grande formato, com 383 páginas de bom papel, recheadas de gráficos, de gravuras antigas e de muitas e excelentes fotografias, ele começa por dividir em 3 períodos, consoante a madeira mais empregada, o mobiliário que aqui surgiu, desde os primórdios de povoamento até 1950, comparando-os com os períodos semelhantes ou equivalentes do mobiliário europeu.

Depois diz-nos qual foi a utilização das várias madeiras indígenas nas diversas ilhas e quais as que «de fora» vieram e as formas que tomaram depois de trabalhadas aqui ou nos seus países de origem.

Definida assim, na generalidade, a tipologia dos nossos móveis, ele passa à sua classificação, por épocas, dando-nos em seguida a reprodução fotográfica de todas as ferramentais e de todos os artigos empregados na sua confecção até há 30 anos.

Depois deste longo introito, que ocupa mais de 40 páginas, ele entra no estudo mais pormenorizado de cada época e então a história, os processos de construção, os estilos e a distribuição dos móveis por todo o arquipélago precipitam-se, dando-nos a conhecer, plenamente, quando e como aqui chegaram as várias correntes estéticas que influenciaram o nosso gosto e a nossa actividade artística.

Na primeira época — «Época do cedro» — que o autor do livro situa entre 1432 e 1642, os estrados, as caixas, os bancos, os armários e os tamboretas vão sucessivamente aparecendo e obedecendo, segundo o mesmo autor, ao Cótico Flamengo e à Renascença Espanhola.

É um ponto de vista pessoal que o comércio do pastel com a Flandres, o primitivo povoamento das «Ilhas Terceiras», a ocupação filipina e a existên-

cia ainda naquelas ilhas de alguns móveis com aquelas ressonâncias estilísticas, justifica.

Em S. Miguel não é isso, porém, que se verifica.

Nada se encontra, de mobiliário, nesta ilha, que se possa atribuir aos séculos XV e XVI e todos os móveis dos séculos XVII e XVIII que nela existem têm raiz nacional e são de expressão exclusivamente barroca.

É claro que, sendo assim, estes móveis não estão isentos de influências estranhas, sobretudo orientais, como todos sabem.

Esta opinião em nada invalida, porém, o que Oliveira Martins afirma acerca das outras ilhas e que tem nos exemplares reproduzidos a sua melhor prova.

É entre estes exemplares, destaca-se, pelo seu valor plástico, o móvel da página 133 do livro que, pela madeira em que foi construído (o cedro), pelo pregueado «em dobra de linha» das suas portas e pelos motivos decorativos da sua prunada central e das suas gavetas inferiores, é, sem dúvida, o espécime mais representativo dos móveis daquela época.

E digo mais representativo, não porque o autor não inclua,

nessa época, outros móveis de factos, aliados à existência muito mais evoluídos (arcas, camas de bilros, contadores, etc) mas porque não há a certeza destes terem sido aqui feitos ou importados na primeira metade do século XVII e todos, ou quase todos, serem construídos, já não em cedro, mas em genuíno jacarandá.

A 2.ª época — A Época do Jacarandá — que Oliveira Martins só considera a partir de 1642 com termo em 1760, isto é, intercalada entre os dois factos históricos da Restauração e da Expulsão dos Jesuítas, embora esta madeira brasileira tivesse sido usada largamente antes e depois desta época e o cedro continuasse a ser empregado, sobretudo na talha dos altares, até ao primeiro quartel do século em que nos encontramos, dá-nos, no seu livro, uma série de belos exemplares entre os quais se destacam cómodas, mesas, cadeiras, camas, oratórios e outros móveis que muito honraram a marcenaria nacional e regional.

Esta época abrange cinco reinados, sendo os três últimos — os de D. Pedro II, D. João V e D. José, correspondentes ao período áureo do mobiliário europeu e ao período de maior actividade dos jesuítas, tanto em Portugal como no Brasil.

Ela também coincide com o início e intensificação da emigração açoriana para esta grande colónia e estes últimos

inspiração em todas as artes — pensar num «estilo açoriano-brasileiro» e a considerar Brasil — a nossa maior fonte de inspiração em todas as artes — Esta ideia, já tida por outras pessoas pelo que respeita à arquitectura religiosa de S. Miguel, não pôde ser confirmada por mim, quando, há dois anos visitei os estados da Baía, de Goiás, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

Ali, todas as igrejas barrocas que encontrei têm estruturas e decoração diferentes daquelas que, na nossa ilha, mormente as igrejas do Colégio de Ponta Delgada e da Misericórdia da Ribeira Grande, formam os seus únicos e esperados adorno do barroco açoriano e até do barroco nacional.

Na verdade, nem a fachada da igreja do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada tem finalidades estilísticas com suas congéneres mais antigas de Angra e da Horta (ainda dominadas pela gramática maneirista), nem a igreja da Misericórdia da Ribeira Grande encontra nos Açores, no norte de Portugal ou nas cidades brasileiras de Salvador, do Rio de Janeiro, de Petrópolis, de Ouro Preto, de Congonhas,

de Mariana, de S. João del-Rei, de Tiradentes, de S.

(Conclui na 3.ª página)

Mobiliário açoriano

(Conclusão da 2.ª página)

para ou de Belo Horizonte, qualquer similitude.

Também não vi nos museus destas cidades peças de mobiliário que revelassem qualquer influência açoriana.

Todas eram modelos de origem ou de inspiração portuguesa embora as de construção local mostrassem alteração de proporções e de decoração.

Estas alterações de proporção a que se juntavam por vezes, mas muito raramente, maior profusão de ornatos vegetalis-tas, ao gosto indiano, ou figuras antropomórficas e anima-listas, à maneira africana, se não chegavam para formar um novo estilo, nem por isso deixavam de lhes dar característi-cas próprias.

Foram estas características indo-africanas que também cá chegaram.

Elas estão patentes na cadeira da página 211 e nos armários das páginas 187, 208 e 266 e, com maior evidência, nos mesões da página 240 que o livro reproduz.

Estes mesões de jacarandá encontram-se, presentemente, nas sacristias das igrejas de S. Sebastião e de S. José, de Ponta Delgada, e pertenceram, outrora, à igreja do Colégio desta cidade.

São dois volumosos bufetes, de pesado tampo, com pés arqueados e entalhados, simulando animais fantásticos e que se julga terem sido trazidos do

Brasil pelos jesuítas no século XVIII.

Tenham sido executados fora ou aqui, o que é certo é que eles constituíram sempre peças raras que nunca chegaram a ser copiadas ou multiplicadas em S. Miguel ou qualquer outra ilha.

O mesmo julgo se haver passado com os móveis da ilha Terceira acima referenciados.

No entanto o mesmo não aconteceu com as estantes de mesa e de coro que, com seus múltiplos e delicados embutidos de marfim, ao gosto indo-português, se difundiram, nos Açores, por forma surpreendente.

As três grandes e belas estantes de pé da Sé Angra, da Matriz da Horta e da Matriz de S. Roque, do Pico, bem como as 145 estantes de mesa que o autor do livro encontrou espalhadas por todas as ilhas, mostra bem a predilecção que aqui houve por tais estantes que, conjuntamente com grandiosos retábulos de talha, vultuosos arcazes, formosos gradeamentos torneados e outras interessantes alfarras, tanto enriqueceram as igrejas do arquipélago.

Mais vulgares do que estas manifestações eruditas foram, porém, no Campo Civil, as arcas encoiradas, as mesas de abas e de pés de lira e outros móveis mais comuns e populares que o livro apresenta, sen-

do pena que obras de maior requinte, tais como excelentes bufetes, contadores, camas, oratórios, cadeiras, etc., ainda existentes nos velhos solares e em outras casas de S. Miguel, não estejam lá incluídos, ao lado da maravilhosa arca das páginas 118 e 119 e de muitas outras boas peças da Terceira e de outras ilhas do oeste e que, melhor do que todos os móveis actuais do Palácio Jácome Correia (que são exemplares muito recentemente adquiridos no continente), poderiam dar uma mais justa e mais perfeita ideia do que é, na realidade, o velho património artístico desta ilha.

Estes móveis, não insertos no livro, embora sejam, na sua maioria, obras providas de Portugal nos séculos XVII e XVIII, foram também construídos aqui por vários ensambaladores, tanto nesse tempo como durante todo o século XIX, destacando-se dentre estes, pela perfeição dos couros lavrados e de outros primores de execução, Manuel António de Vasconcelos que foi um dos muitos concorrentes à célebre Exposição Distrital de Artes e Indústrias de Ponta Delgada, em 1895, cuja medalha comemorativa o livro reproduz a páginas 371.

A 3.ª época — a Época do Mogno — que Oliveira Martins faz começar em 1760, isto é, antes de terminarem, nos Açores, os fulgores do período rococó, do barroco e o uso do jacarandá e até mesmo antes de aqui ter chegado o mogno de Cuba e das Honduras através dos móveis ingleses do período áureo da exportação da laranja. Vários são os exemplares destes móveis que o livro mostra (e muitos mais podia revelar ainda se o inven-

tário do mobiliário particular micaelense estivesse concluído, antes de passar a outros que se seguiram, no decorrer do tempo, até 1950, data em que o seu autor encerra esta época.

No período da laranja — o período jorgiano em que Adam, Sheraton e Hepplewhit, depois de Chipendale, foram os grandes mestres da marcenaria britânica, muitos foram os excelentes modelos neoclássicos que encheram as nossas casas, sobretudo nos três primeiros quartéis do século XIX, sem que o Estilo Império e depois os vários revivalismos e outras inovações estéticas que se lhes seguiram os conseguissem destronar ou suplantar.

O autor do livro nem por isso deixou de mencionar muitos destes exemplares posteriores que o romantismo e o naturalismo encheram de novas formas e de novos motivos decorativos, abrindo assim o caminho para um ecletismo que tudo depois consentiu, desde a Arte Nova ao Cubismo e desde o «Earl - americanismo» até à Arte Decorativa.

Todos estes novos móveis, com excepção dos provindos dos Estados Unidos, trazidos pelos nossos emigrantes no final do século passado o começo deste foram também aqui imitados e multiplicados.

Durante todo o século XIX vários foram os marceneiros e entalhadores que a estas utilíssimas profissões se dedicaram, conforme nos diz o dr. Luis Bernardo Leite d'Athayde no seu valioso e precursor livro «Notas Sobre Arte», destacando, pela sua pericia, o italiano do período áureo da exportação da laranja. Vários são os exemplares destes móveis que o livro mostra (e muitos mais podia revelar ainda se o inven-

to ao Palácio de Jácome Correia deram valiosa colaboração, assim como os seus descendentes, João Soares Cordeiro e seu filho que executaram depois, em bom carvalho americano e com grande perfeição, o lambriil e os móveis, de grande exuberância vegetalista, que se encontram na grande sala de jantar deste sumptuoso palácio que a sua última proprietária — a senhora D. Josefa Gabriela Jácome Correia Hintze Ribeiro — tão generosamente cedeu ao Governo Regional dos Açores.

Esta bela sala, assim como o seu extraordinário mobiliário, são também reproduzidos e celebrados no livro, por Oliveira Martins, como fecho da sua importante obra.

Pelo resumo que aqui se faz do muito que se diz e se mostra neste precioso livro, se depreende que ele é indispensável a todo aquele que verdadeiramente ame a arte mobiliária e a terra em que nasceu.

Oliveira Martins prestou assim um alto e relevante serviço a todos os açorianos que têm o culto da Casa e do Belo.

Pode discordar-se de alguns dos seus pontos de vista ou de algumas das suas classificações, mas o que se não pode é deixar de reconhecer o muito saber e o imenso trabalho que foi preciso possuir e despende, para urdir tão útil quanto valiosa obra.

Para Francisco Ernesto de Oliveira Martins vão pois as nossas maiores felicitações e as nossas mais rendidas homenagens.

Ponta Delgada,
Setembro de 1982

JORGE GAMBOA DE
VASCONCELOS